



Lisandra Paraguassú e Paulo de Araújo (fotos)
 Da equipe do Correio

"E todos sabem que estas terras, que pisas, o céu livres deu a nossos avós; nós também livres as recebemos dos antepassados. Livres as não de herdar nossos filhos. Desconhecemos, detestamos jugo, que não seja do céu, por mãos dos padres. As flechas partirão nossas contendas dentro de pouco tempo; e o vosso mundo se nele um resto houver de humanidade, julgará entre nós; se defendemos tu a injustiça, e nós o Deus e a pátria"

Basilio da Gama, no poema "O Uruguio", em que Sepé Tiarajú, comandante da guerra guaranítica, fala a Marquês de Pombal, vice-rei do Brasil.



O SANTO NO LUGAR ERRADO

São Lourenço não está onde devia. E esse é todo o problema do seu povoado. A estátua do santo que ornamentava a catedral de São Lourenço Mártir, esculpida pelos índios guaranis, foi parar no museu de São Miguel. Está lá, em lugar de destaque na coleção de obras missionárias. Enquanto ela não voltar para o seu lugar, dizem os moradores, nada vai dar certo no pequena vila. Há outra explicação para o seu declínio. Diz a lenda que os jesuítas, ao serem expulsos, rogaram uma praga no lugar: por 300 anos nada crescerá na terra onde eles haviam morado. O prazo termina este ano.

A longa jornada dos jesuítas nos pampas

Los jesuítas disseram: "Jurais a Deus e prometais ao Rei seguir constantemente suas bandeiras, defendê-las até verter a última gota de vosso sangue e não abandonar aos que estiverem mandando em função de guerra ou na preparação para ela".
 A conquista espiritual era a missão, a ordem e a promessa da Companhia de Jesus na América. Quando chegaram, nos princípios do século XVII, os padres não sabiam o que iam encontrar na parte sul da América, então espanhola. Sabiam, no entanto, que estava em suas mãos conquistar e controlar os índios. Povoar e dominar a terra cisplatina — do lado de cima do rio da Prata — para o rei de Espanha. Tarefa nem tão árdua. A arma estava na cruz e na lábia dos jesuítas. Diz a lenda que ainda no século I o apóstolo Tomé — que virou o santo — teria aberto o caminho na mente dos guaranis, o povo que controlava a terra então virgem aos olhos europeus. "A doutrina que eu agora vos prego, perdê-la-eis com o tempo. Mas, quando depois de muitos tempos, vierem uns sacerdotes sucessores meus, que trouxerem cruzes como eu trago, ouvirão os vossos descendentes esta mesma doutrina", teria dito Pay Zumé — ou São Tomé — aos guaranis.
 São Tomé, um dos 12 apóstolos teria passado pela América e deixado na mente dos índios a marca da cruz. Antonio Ruiz de Montoya, primeiro superior das Missões nas Américas, garantia que os indícios estavam todos no

novo mundo. "Que haja sido São Tomé aquele que, com sua pregação, ilustrou os índios do ocidente", afirmava.
 Mas, a conquista espiritual planejada por Montoya não foi tranqüila. A terra e os índios conquistados eram cobiçados pelos portugueses. Primeiro, foram os bandeirantes paulistas. Em 1630, as dezenas de missões fundadas no Guairá, hoje Paraná, e no Rio Grande do Sul, viraram centro de abastecimento de escravos. Afugentados pelos paulistas, os jesuítas e seus índios fugiram para o lado de lá do rio Uruguai.
 Voltaram no final do século. No ano de 1690, o padre Bernardo de La Vega cruzou o rio mais uma vez. Vinha da terra hoje argentina, da missão de Santa Maria La Mayor, trazendo consigo 3.512 índios guaranis, com seus pertences, suas ferramentas, sementes de trigo, milho e erva mate, cabeças de gado e ovelha. De La Vega fundou o quarto povoado missioneiro do lado de cá do Uruguai. Voltava para repovoar a terra que já havia sido parte do império jesuíta.
 Foram 70 anos de paz. E aí veio mais uma vez a guerra. Portugueses e Espanhóis negociaram a terra missioneira sem fazer perguntas aos padres ou índios. Em quatro anos de luta, sobraram as índias, os velhos, as crianças. E o gado, trazido pelos padres do então Paraguai. E sobrou o sangue.
 Na terra gaúcha que hoje se chama Missões, visitada pelo Correio no nono capítulo da série Redescobrimos o Brasil, a lembrança maior deixada pelas reduções jesuíticas está nas veias de cada um. Cada gaúcho missioneiro tem em si um pouco de guarani, um pouco de espanhol, um pouco de português. Tem, também, um só meio de vida: o campo. Ainda hoje, o gado que chegou à banda oriental pelas mãos dos jesuítas é rei. É o ganha-pão e o estilo de vida.

CONQUISTADOS PELA FÉ

Luis Carlos Paraíba: "Quem se criou em cima do cavalo, não dá para enfrentar a cidade"



O gaúcho missioneiro carrega nos olhos, na pele, nos gestos e na vida o resultado da sua mistura. Em 1626, quando, pela primeira vez, o padre jesuíta espanhol Roque Gonzalez encontrou os guaranis do lado oriental do rio Uruguai começou a se formar o povo que ainda hoje habita as coxilhas da terra denominada missões riograndenses.

Não que a miscigenação fosse o propósito dos jesuítas. Nas Missões, índios eram mantidos a distância; soldados também. A mescla de raças só começou em 1766, quando os exércitos da Espanha e de Portugal destroem a aventura missionária, matam milhares de índios e expulsam os padres.

Chamou-se Guerra Guarânica, durou cinco anos e pôs de lado opostos colonizadores de farda e de batina — os nativos formavam a tropa dos evangelizadores.

Com o fim do domínio da Companhia de Jesus, sobraram ali, nas terras cobertas pelo melhor pasto da região, apenas soldados europeus de um lado; mulheres, velhos e crianças indígenas de outro. Após a guerra, os dois lados desapareceram e viraram um povo. Assim, começou a se formar o gaúcho.

Os portugueses e espanhóis, espécie de aventureiros sem lei — chamados gaudérios, de onde vem a palavra gaúcho — chegaram quando pouca coisa restava da ordem que os jesuítas criaram. Dividiram a terra. Amigaram-se com as índias. Junta-ram e passaram a criar o gado

deixado para trás pelos padres — foi um deles, o jesuíta Cristóvam Mendoza que, em 1634, levou da Argentina para o Brasil as primeiras 2,5 mil cabeças de gado.

Por 350 anos, os bois foram a única riqueza da cidade de São Luiz Gonzaga, no passado sede da Missão jesuítica. Até 1960, o povo andava a cavalo, comia a carne, vestia o couro. Mas, a partir da década de 70, outros produtos passaram a engordar a economia do lugar.

"São Luiz entrou numa fase de transição quando o trigo e a soja começaram a ocupar o que antes era só pastagem", comenta Flávio Bettanin, advogado e historiador da cidade. Hoje, toda a riqueza de São Luiz Gonzaga vem do campo. Mas os bois perderam o domínio. A terra escolhida pelos padres no passado é ainda uma das mais férteis do mundo "Aqui, o que se planta colhe", diz o prefeito Alceu Braga, dono de sete mil hectares de campo. As mesmas palavras do viajante francês Auguste Saint-Hilaire, que passou pela campanha em 1820.

"Podem-se cultivar com igual sucesso os campos e os bosques; e todos os capões, indistintamente, oferecem terreno absolutamente bom", narrava Saint-Hilaire, especialista em terras e plantas. Mas o gaúcho que nasceu na lida campeira, como em "gauchês" chama-se o trabalho com a pecuária, tem dificuldade de se adaptar ao trator e à colheitadeira das plantações.

Odil Escobar Ribas, de 55 anos, nasceu no campo. Tentou a vida em uma granja — fazendas onde há apenas a plantação — e terminou na estância Santa Inês, das maiores da região. Corta cana para alimentar o gado, faz vacina e a marcação no couro do boi. "Na granja é um trabalho ingrato. Nem de noite se pára, tem que preparar a terra", conta.

Na fazenda de gado não se trabalha muito menos. A Santa Inês emprega três peões e um capataz, Luis Carlos de Lima Paraíba, de 35 anos. Em todas as fazendas de Avelino de Moraes, o maior fazendeiro da região — 7,5 mil hectares de terra declarados, o dobro disso segundo as histórias da cidade — são apenas 18 homens.

"É trabalho duro. Mas para a gente que se criou em cima do cavalo, com esse horizonte grande pela frente, não dá para enfrentar a cidade", explica Luis Carlos. O capataz tentou a vida na cidade. Foi ser açougueiro para ganhar um pouco mais do que os R\$ 130 do salário mínimo — o máximo que qualquer peão recebe nas redondezas. Voltou correndo. "Ficar o dia todo encurralado, sem ver o sol, não dá", desabafa.

Mas, mesmo nos pampas, o campo gaúcho, não tem mais lugar para todo mundo. "O peão não está acostumado a ser tratista, a dirigir caminhão", explica Eugênio Hartmann, o padre de São Luiz Gonzaga, um especialista no desemprego que assola a região. "Quando esse homem perde o cavalo e os arreios, perde a identidade", completa. O gaúcho a pé não sabe como viver.

Juarez Coimbra Antunes carrega um nome de herança nobre. Nas veias, a mistura do guarani com espanhol e português. Tem a pele morena, os cabelos escuros e os gestos calmos que herdou dos seus antepassados.



O gado perde domínio com a chegada da soja



Na terra gaúcha que hoje chama-se Missões, poucas construções estão de pé

MISSÕES

"A liberdade antiga vejo que se perde, de correr por vales e selvas, porque estes sacerdotes estrangeiros nos colocam em povoados, não para nosso bem, mas para que ouçamos a doutrina tão oposta aos ritos e costumes de nosso antepassados"

Palavras de um pajé guarani que resistia à conversão, escritas pelo Padre Antonio Ruiz de Montoya



NOMES:
 Missões Jesuíticas de São Luiz Gonzaga e São Lourenço Mártir. Atualmente, município de São Luiz Gonzaga. São Lourenço se transformou em distrito de São Luiz.

TAMANHO:
 1.558 quilômetros quadrados de área total. 15 quilômetros quadrados de área urbana.

POPULAÇÃO:
 41.748 pelo censo de 1991. 80% na área urbana.

LOCALIZAÇÃO:
 Noroeste do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com a Argentina, a 533 quilômetros de Porto Alegre

INDICADORES SOCIAIS:
Evasão escolar: em torno de 4%
Mortalidade infantil: 14 para cada mil nascimentos
População carente: aproximadamente mil pessoas

A TEINIAGUÁ E A BOTIJA DE OURO

Diz a lenda que o ouro dos jesuítas está escondido nas ruínas de um dos sete povos das missões do Rio Grande do Sul. Provavelmente em São Miguel, a maior delas. A botija de ouro é guardada pela Teiniaguá, a lagartixa de fogo que se transforma em mulher e encanta os homens. O ouro nunca foi encontrado. Mas a busca por ele fez com que aventureiros portugueses e espanhóis escavassem, durante todo o século XIX, cada missão que encontravam.

A HARPA MISSIONEIRA

"Esses índios são, por natureza, como que talhados para a música, de maneira que aprendem a tocar com surpreendente facilidade e destreza toda a sorte de instrumentos, e isso em tempo brevíssimo."

Assim o padre jesuíta Antonio Sepp contava as façanhas musicais dos guaranis. O dom não sumiu com o tempo. O gaúcho missioneiro ainda é um apaixonado pela música. Nem todos, no entanto, cultivam o folclore com tanta força quanto Mario Meira, secretário de Turismo de São Luiz Gonzaga e músico quase aposentado. Seu instrumento predileto foi criado nas Missões: a Harpa Missioneira.



O COLÉGIO ESQUECIDO

O colégio que os jesuítas fundaram na redução de São Luiz Gonzaga resistiu 250 anos. Até a década de 30 deste século, ficou no centro da cidade, em frente à praça. Pintado de branco, foi quartel general do Exército, onde os estrategistas da revolução gaúcha de 1923 planejavam o ataque à capital. Em 1932, um prefeito que teve o seu nome esquecido na história do município decidiu que o colégio era inútil. "Juntava muito morcego", segundo ele. Derrubou a escola construída em 1687 e colocou a igreja moderna, pintada de cor-de-rosa, no lugar.

"O guarani não foi feito para ficar em um só lugar. Viemos atrás de terra para sustentar nossas famílias"

Cacique Floriano Romero

O CAMINHO DE VOLTA

Há dois anos o cacique guarani Floriano Romero e sete famílias da sua tribo atravessaram o Rio Uruguai. Refaziam o caminho de seus antepassados. Chegaram ao Brasil atrás da tranquilidade, segurança e fartura dos tempos dos jesuítas. O cacique só não sabia de uma coisa: as missões onde moraram seus ancestrais não existem mais.

Os guaranis que moram hoje na atual cidade de São Miguel têm pouco da personalidade descrita pelos jesuítas. "Confesso que estranhei muito encontrar tanta majestade e energia", escreveu o padre Ignacio Chomé, no início do século XVII. A majestade ficou para trás. Famintos e com frio, os guaranis chegaram da Argentina acreditando que no Brasil ainda havia padres jesuítas que cuidavam dos índios. "O guarani não foi feito para ficar em um só lugar. Viemos atrás de terra para sustentar nossas famílias", conta o cacique. E no Brasil, ouviram eles, os índios encontrariam tudo.

Do lado de lá do Rio Uruguai, o cacique e a sua tribo viviam em uma reserva, mas não tinham terra para plantar, ou ajuda do governo. Segundo ele, porque o administrador do lugar era de uma tribo rival. Levantaram acampamento e atravessaram o rio.

Do lado de cá do Rio Uruguai, Romero e a sua tribo encontraram a missão em ruínas — como está há mais de um século. Não conseguiram casa para morar, nem os padres para guiá-los. Há pelo menos 10 anos o último jesuíta foi embora da região. Ganham, em troca, a proteção da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da prefeitura.

Nos sete hectares de terra doados pelo governo local, os guaranis plantam batata, milho, mandioca (a primeira safra será neste ano). Moram em casas construídas com taquara, cobertas com papelão e lona plástica preta. De longe, parece um acampamento de sem-terras. De perto,

aparecem os cestos trançados e as crianças de cabelo negro e comprido correndo de pé descalço pelo barro vermelho e sujo. "Vamos ficar aqui. Está bom, temos terra para plantar", diz o cacique. Por quanto tempo, eles não sabem.

Do mato em volta do acampamento, os guaranis tiram a corticeira. A madeira macia é o sustento da tribo. Dela saem os bichinhos modelados pelos guaranis a faca e fogo. Em minutos, as mãos hábeis de Osvaldo Paredes, de 32 anos, transformam um galho em uma onça pintada. Os pequenos animais

são vendidos a turistas na frente das ruínas de São Miguel. Custam entre R\$ 3,00 e R\$ 15,00, dependendo do tamanho.

"A gente aprende a fazer isso desde sempre. Pai, avó, todo mundo sabia", diz Paredes. O artesão é a sobra das tradições da tribo, junto com a língua, o guarani, misturada com um espanhol fluente. O resto sumiu no contato com os brancos. Os cabelos são curtos, não há mais brincos ou colares. A roupa é calça jeans e blusão de lã. O calçado é o tênis. Para passar o tempo, as crianças jogam futebol. "A gente tem que se preocupar em viver como dá", diz Nicanor

Benitez, de 26 anos. Índio poliglota, ele fala guarani, espanhol e agora o português.

Os índios são católicos, como foram doutrinados seus antepassados. Mas não vão à igreja. De vez em quando, os padres passam pelo acampamento para levar alguma ajuda e um pouco de consolo. Mas a fartura das missões ficou no passado. Sobraram apenas as ruínas. Tanto na terra quanto na imaginação dos guaranis.



As crianças de cabelo negro e comprido correm de pés descalços

CATOLICISMO ESTÁ NO SANGUE

O viajante Auguste de Saint-Hilaire chegou à província que hoje se chama Missões em 1820, 60 anos depois da destruição total dos povos jesuítas. Descreveu o que viu: "Não resta, em toda a Província das Missões, nenhuma inscrição ou epítáfio que lembre os jesuítas. Todos os monumentos desse gênero foram destruídos por espanhóis no propósito de fazer com que os índios se esquecessem desses padres." O que Saint-Hilaire não pôde ver, no entanto, é que a herança católica não estava nos monumentos, mas ficara no sangue.

As Missões ainda são hoje, 350 anos depois da chegada da Companhia de Jesus, domínio católico. Não sobra quase espaço para outras religiões. A igreja Assembléia de Deus está desde 1934 em São Luiz Gonzaga. Não conseguiu mais do que quatro mil fiéis. A igreja Universal do Reino de Deus, outra voraz consumidora de fiéis católicos, ainda não chegou. Desistiu quando não conseguiu alugar o único cinema da cidade.

A competição mais forte encontrada pela batina está na figura de um ex-tropeiro, que chegou ao distrito de São Lourenço há 70 anos. Descendente de guaranis e espanhóis, seu Turfio Cortez, de 85 anos (foto), descobriu há alguns anos que deveria ser pai-de-santo. "Foi num terreiro que me contaram que um cacique queria trabalhar comigo", lembra.

O cacique, Tupinambá, que junto com outros indígenas aparece no altar de seu Turfio, benze as crianças e dá conselhos aos adultos. Faz do velho tropeiro o apoio espiritual da comunidade. "Eu vou à igreja, mas também trouxe meu filho, de quatro meses, para seu Turfio benzer", conta Joseli dos Santos, de 26 anos.

Nem sempre há padres no lugar que um dia os jesuítas comandaram. A missa é rezada uma vez por mês, numa igreja que pouca semelhança guar-

da com as antigas catedrais. "É também voltada para o norte e construída sob o mesmo plano das outras aldeias. Porém, nenhuma delas é mais bela que esta. Tem oitenta e seis passos por quarenta de largura; as naves laterais são sustidas por duas filas de colunas de madeira. Em vez de três ela tem cinco altares, todos com ornatos dourados e de muito bom gosto". Assim o viajante Saint-Hilaire descrevia a missão de São Lourenço.

A igreja de hoje se parece pouco com um tradicional templo católico. De fora, apenas a cruz lembra que ali se rezam os ofícios. As infiltrações e rachaduras tomaram conta das paredes. "Está até perigando cair", queixa-se Maria Lopez, uma das moradoras do distrito, que tenta levantar recursos para uma reforma. Mesmo com os problemas, a missa, rezada no meio da tarde, faz a igreja encher.

"O pessoal aqui é muito religioso, acho que é herança de sangue por causa dos jesuítas", diz o padre Eugênio Hartmann, descendente, como quase todos os padres da região, dos poucos alemães que chegaram a ocupar a terra de espanhóis, índios e portugueses. Hartmann nasceu entre duas antigas missões jesuítas — São Luiz Gonzaga e São Borja, na fronteira do Brasil com a Argentina — e está na paróquia de São Luiz há quatro anos. "É pouco tempo para conhecer toda a diocese, mas procuramos fazer o melhor possível", explica.

Pouco tempo para conhecer todo mundo, mas não para atrair a desconfiança dos grandes fazendeiros da região. Os padres atuais têm uma aura de subversão que não agrada a todos. Assim como a possuíam os jesuítas, que defen-

diam os guaranis quando transformá-los em escravos era o bom negócio da época.

"Suplico a Vossa Majestade que favoreça e ampare aos da Companhia e a estes pobres Índios, (...) mandando que vossos governadores não os molestem como muitas vezes o fazem, mas antes os defendam de tantos rivais e antagonistas que têm...", pediu o padre provincial Diego de Boroa ao rei espanhol Felipe IV, em 1639.

Os padres missionários de hoje não pedem a defesa dos índios — que quase desapareceram na região — mas seguem brigando pelos sem-terra, desempregados e carentes em geral. E arrumam problemas constantemente. Fazendeiros e agricultores da região têm séria desconfiança dos homens de batina. "Os bispos estão por trás dessa confusão da reforma agrária",

queixa-se Avelino de Moraes, dono de uma das maiores fazendas da região, com pecuária e plantação de soja e trigo.

"Temos que atender todos igualmente", justifica padre Eugênio. Mas não é fácil. "Se formos entrar firme em algumas questões, nos mandam embora na hora", diz o padre Guido Walter, da paróquia de São Miguel.

São Lourenço é terra de estâncias grandes, responsável por 25% da riqueza do município de São Luiz. "Na missão, a casa de todos era igual, os padres e os índios governavam todos juntos. Essa sociedade não era capitalista ou comunista. Era fraternal", prega Walter na missa mensal que faz no distrito. Palavras que nem sempre agradam numa terra que já foi comunitária, mas hoje não recebe bem quem quiser mudar a ordem estabelecida.

